

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



FRONTEIRAS

VOLUME 35. 2.^a SÉRIE - 2017

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ITINERÁRIOS CULTURAIS EUROPEUS TRANSFRONTEIRIÇOS CROSS-BORDER EUROPEAN CULTURAL ROUTES

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

mtribeiro7@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20

ORCID: 0000-0001-7471-2164

Texto recebido em / Text submitted on: 27/03/2017

Texto aprovado em / Text approved on: 29/06/2017

Resumo:

Um grupo de trabalho do Conselho da Europa apresentou, em 1960, um relatório sobre os itinerários culturais da Europa. A partir de 1985, registou-se a criação de itinerários para vivificar nos europeus o seu património cultural comum. Apresentamos alguns exemplos, em particular da Europa centro-este. Multiplicam-se os laços culturais europeus nos anos 80/90 nascidos de uma dupla necessidade: renovar as formas de cooperação e fomentar as redes no contexto cultural europeu através de itinerários transnacionais e transfronteiriços. Neste sentido, procurava-se fazer progredir e consolidar um projeto cultural de cooperação e de integração, que estimularia a consciência do cidadão europeu e a reflexão sobre o património cultural comum.

Palavras-chave:

Rotas culturais, Europa, Europa Central e Leste, projetos culturais.

Abstract:

A working group of the Council of Europe presented in 1960 a report on Europe's cultural routes. From 1985 onwards, itineraries were created to vivify in Europeans their common cultural heritage. In particular, in East-Central Europe, European cultural ties have multiplied in the 1980s and 1990s, arising from a twofold need: to renew cooperation and foster networks in the European cultural context through transnational and cross-border routes. In this sense, the aim was to advance and consolidate a cultural project of cooperation and integration, which would stimulate the awareness of the European citizen and reflect on the common cultural heritage.

Keywords:

Cultural routes, Europe, Central and Eastern Europe, cultural projects.

A Europa da cultura

A Europa da cultura precedeu, em muito, qualquer organização política: a Europa da cristandade, dos mosteiros, das universidades, das Luzes era mais unida culturalmente, se comparada, a partir de finais do século XVIII, à Europa dos Estados-Nação, a qual veio fragmentar e, por vezes, comprometer a «consciência europeia». E, se um certo cosmopolitismo cultural foi mantido, entre as elites, através dos tempos, não obstante as fronteiras existentes e a necessidade de controlo dos indivíduos, os Estados-Nação enriqueceram as consciências culturais nacionais de herança judaico-greco-latina, que marcaram profundamente todas as culturas de um continente e o seu denominador comum relativamente a outras correntes e repercussões subsequentes⁽¹⁾.

Jacques Rigaud, no seu artigo «L'Europe culturelle» (1994), opta por tecer uma referência à «métamorphose» em detrimento de «conscience culturelle européenne». Relembremos, a este propósito, as palavras de André Malraux: «Le monde de la culture n'est pas celui de l'immortalité; c'est celui de la Métamorphose»⁽²⁾. Em que consiste a Europa da cultura? Quais os conteúdos, qual o seu projeto? A Europa da cultura não é, não pode ser, uma «eurocultura», é, deverá ser,

(1) Jacques Rigaud, «L'Europe culturelle», in *Culture nationale et conscience européenne*, Paris, L'Harmattan, 1999, p. 71.

(2) *Apud* Pamela Sticht, *Culture européenne ou Europe des cultures? Les enjeux actuels de la politique culturelle en Europe*, Paris, L'Harmattan, 2000, p. 115.

uma comunidade de culturas, ou, mais especificamente, a prática de interculturalidade.

No romance intitulado *Désir d'Europe* (1995), Pierre-Jean Rémy lembra o pensamento de Moravia ao comparar a Europa da cultura a um precioso tecido de dupla face: uma, de tecido colorido à semelhança de patchwork, a outra, de uma cor única, rica e profunda.

Julien Benda refere a impossibilidade de falar de unidade cultural na Europa e frisa a necessidade de ter em linha de conta as singularidades nacionais, as quais conheceram afirmação e consolidação no decurso dos séculos XIX e XX⁽³⁾.

A vida cultural é, em todos os países do continente europeu, multipolar. As profissões da área artística demonstram vulnerabilidade e inquietação perante o futuro. As necessidades financeiras da cultura são elevadas e raramente constituem prioridade para as autoridades públicas. A função cultural dos media fica assim, não raramente, aquém das expectativas.

As dificuldades e as questões levantadas pela cultura contribuem para a aproximação dos países europeus, na medida em que a sua relação com a cultura não pode ser encarada como um núcleo fechado sobre si mesmo⁽⁴⁾.

No contexto atual, as alterações representam fatores de aproximação ou, por outro lado, de afastamento entre as nações? Circunscrevendo-nos, ou não, à União Europeia, exercerá a Europa uma função de integração cultural?

É imperiosa uma definição abrangente de cultura: não limitada ao património ou à «cultura erudita», mas que acolha a cultura do Outro⁽⁵⁾.

A política comunitária deve ser complementar das políticas nacionais, pois há também iniciativas privadas que criam redes intereuropeias. Essas redes, tão importantes, avivam a consciência do cidadão europeu e são reflexo do património cultural comum.

A Europa caracteriza-se por uma diversidade cultural que decorre das identidades e das entidades nacionais, regionais e locais. Essas

(3) Jacques Rigaud, art. cit., p. 172.

(4) Idem, ibidem, p. 176.

(5) Yves Hersant, «Synthèse des travaux», in *Culture nationale et conscience européenne*, Paris, L'Harmattan, 1999, p. 193.

identidades culturais nacionais e regionais coexistem com a «identidade cultural europeia».

A esta luz, as ações comunitárias inscrevem-se principalmente na ideia de permitir diálogos e intercâmbio intercultural, de financiar projetos de dimensão europeia e de afirmar a história e herança comuns através de manifestações emblemáticas.

Graças a iniciativas de organizações internacionais e europeias, estabeleceram-se relações culturais que reforçaram as ligações entre os Estados.

A cultura é considerada nos anos 80 e 90 cada vez mais como uma componente essencial das estratégias de desenvolvimento, quer económico e social, quer a nível das políticas regionais e locais.

Fronteiras e redes culturais

Um grupo de trabalho do Conselho da Europa apresentou, em 1960, um relatório sobre «la prise de conscience collective des hauts lieux culturels de l'Europe et de leur incorporation dans la civilisation des loisirs»⁽⁶⁾. Em 1987, seriam criados os Itinerários culturais europeus pelo Conselho da Europa.

Todavia, registara-se já em 1985, a criação de dois itinerários para vivificar nos europeus a sua identidade cultural comum: Os Caminhos de Santiago de Compostela (certificado em 1987) e Arquitectura sem fronteiras. Diversas temáticas fomentam dezenas de outros itinerários, como Rotas do Barroco, Rotas da Seda, Rotas célticas, Habitat rural, etc. Procurava-se firmar redes de percursos locais, de cidades, de vilas, de pequenas localidades. Esta ideia ganha alento no Colóquio Civis Europaeus Sum, realizado em 1985, no Luxemburgo, no qual se fortalece a ideia de consolidar redes de operadores culturais. Não admira, pois,

(6) *Manuel du Conseil de l'Europe*, Paris, Pedone, 1970, p. 267. Em 1950, já tinha sido criado um Comité d'Experts Culturels (1950-1962). No seu espírito, «la culture étant considérée avant tout comme un support d'une politique d'intégration européenne» (Doc. 2818, 14 septembre 1970). É este Comité que elabora a Convention culturelle européenne (1954), «... qui fournirait les bases juridiques d'une coopération culturelle ambitieuse entre les États», apud Jean-Louis Burban, *Le Conseil de l'Europe*, Paris, PUF, 1985, p. 112.

que o Conselho da Europa tenha proposto aos Estados membros a necessidade de criar Itinerários Culturais Europeus⁽⁷⁾.

É fundado o Institut Européen des Itinéraires Culturels, anos depois, em 1998, no Luxemburgo, que obteve o cofinanciamento do Conselho da Europa. Propunha-se assegurar, por um lado, uma melhor e mais ampla difusão da iniciativa, dos seus resultados, e, por outro lado, instigar novas candidaturas a nível cultural⁽⁸⁾.

No mesmo ano, e ainda o Conselho da Europa, na Cimeira de Estrasburgo, encetou uma campanha sobre «L'Europe, un patrimoine commun», que decorreu em 1999 e 2000. Teve lugar a sua apresentação oficial no Ateneu, em Bucareste, em 11 de setembro de 1999. Surgiram inúmeras propostas, no entanto, o impacto da iniciativa foi desigual nos países europeus. Já em 1998 o Conselho da Europa dera à estampa *La culture au coeur*⁽⁹⁾, contribuição europeia para os trabalhos da Comissão Javier Pérez de Cuellar, da UNESCO. Escrevia-se nesse texto: «la démocratie culturelle, c'est désormais la question des droits culturels»⁽¹⁰⁾.

Toda a cultura europeia deveria ser «intercultural», como afirma Raymond Weber, então diretor da Cultura e do Património Cultural do Conselho da Europa⁽¹¹⁾. Não admira, assim, que esta instituição comunitária tivesse lançado em 2002 um projeto intitulado «Dialogue interculturel et prévention des conflits». Nesta perspetiva, cidades e regiões seriam encorajadas a participar nos debates, e os circuitos transfronteiriços teriam, na opinião de Peter Wagner, um papel determinante numa verdadeira ação cultural comum. De facto, já em 1988, mais de cem centros culturais se tinham reunido em Saline d'Arc-

(7) Jacques Rigaud, «L'Europe culturelle», in *Culture nationale et conscience européenne*, Paris, L'Harmattan, 1999, p. 171. Cf. Maria Manuela Tavares Ribeiro, «National and European Cultural Institutions – Dialogue and the Idea of Interculturality», in *The image of the Other in the European Intercultural Dialogue*, dir. de Dana Pantea, Ioan Horga e Mircea Brie, Lambert Academic Publishing, Saarbrücken, Germany, 2017, p. 15-23.

(8) Caroline Brossat, *La culture européenne: définitions et enjeux*, Bruxelles, Bruylant, 1999, p. 318 ss.

(9) Conseil de l'Europe, *La culture au coeur. Contribution à la réflexion sur la culture et le développement en Europe*, Strasbourg, Conseil de l'Europe, 1997.

(10) Veja-se Anne-Marie Autissier, *L'Europe de la culture. Histoires et enjeux*, Paris, Babel. Maisons des cultures du monde, 2005, p. 393 e Catherine Lalumière, «Le rôle possible du Conseil de l'Europe dans l'Europe nouvelle», *Cadmos*, n.º 51, 1990, p. 9-17.

(11) Raymond Weber, «La coopération culturelle européenne. Enjeux et perspectives», *Cadmos. Nouvelle revue européenne*, n.ºs 58-59, 1992, p. 63-88.

et-Sénans. Constituiu-se depois um grupo de 40 redes culturais de diversas áreas. Data de 1999 um estudo sobre as redes culturais europeias. Uma reunião em Estrasburgo, em 2001, reuniu as principais redes e atores da mobilidade cultural na Europa.

A «outra» Europa

Sublinhe-se uma iniciativa assinalável da responsabilidade do Conselho da Europa em 1957 – a «Conférence permanente des pouvoirs locaux et régionaux de l'Europe». Projetos vários foram concretizados. Entre outros, os projetos *Villes et culture* (1983), *Culture et régions* (1991), *Culture et quartiers* (1993), e neste participaram 11 cidades europeias, entre elas, Budapeste, Praga, Sofia. Há um interesse particular relativo às coletividades da Europa central e oriental. Lembre-se, por exemplo, a *Convention cadre européenne sur la coopération transfrontalière des collectivités ou autorités territoriales* (1980). No sentido de dirimir as tensões linguísticas na Europa central e oriental, foi publicada a *Charte européenne de l'autonomie local*, em 1985, ratificada por cinco países em 1998. O documento suscitou um debate público que teve impacto também na Europa ocidental⁽¹²⁾.

O programa LODE incentivou a cooperação cultural através da proteção das línguas. Um outro exemplo – a criação de uma estação de televisão bilingue de estoniano-russo na Estónia. Refira-se ainda o centro intercultural na cidade romena de Timisoara; o centro europeu de línguas criado em Graz, em 1994, ou ainda o Centro Europeu da Juventude aberto em Budapeste em 1995. Centros que procuraram multiplicar os intercâmbios entre «as duas Europas». Recorde-se, a propósito, os estudos realizados em 1994 sobre o *Management culturel en Europe centrale et orientale*⁽¹³⁾.

Cooperação e federação

A cooperação cultural entre os países do Oeste, Centro e Este da Europa é o objetivo nodal da European Foundation Centre (EFC), criada em 1989. Ela funcionou como uma plataforma de encontros culturais.

(12) Emmanuel Wallon, *A continent ouvert. Les politiques culturelles en Europe Centrale et Orientale*, Paris, La Documentation française, 1992.

(13) Jean-Michel Djian, *Politique culturelle: la fin d'un mythe*, Paris, Gallimard, 2005.

A Association for Innovative Cooperation in Europe (AICE) substituiria, em 1996, a EFC, e congregava outras fundações, como a Fundação Oriente, em Lisboa, a Charles Stewart Mott Foundation, em Praga, e a Stefan Batory Foundation, em Varsóvia.

Verifica-se, deste modo, uma aproximação das duas Europas protagonizada pela Fondation européenne de la Culture nos anos 1980-1990. Abrem-se os intercâmbios, procuram-se novos polos de redes culturais. Veja-se, por exemplo, o projeto Est-West Europe Publishing Project, que promove a tradução e difusão de textos oriundos dos países do centro-este europeu e a sua difusão a ocidente.

Podem, em síntese, citar-se três prioridades eminentemente geopolíticas da Fondation européenne de la Culture: a cooperação Este-Oeste; o incentivo de programas na bacia do Mediterrâneo; o pluralismo cultural: políticas e práticas de modo a desenvolver projetos e programas específicos. Destaquem-se, entre outros: Central and East European Book Projects (CEEBP), que fomenta o intercâmbio do livro; ou o East/West Parliamentary Practice Project (EWPPP – 1990), que estimula as práticas parlamentares. Tinha um correspondente regional em Sofia. Um fundo foi criado para financiar a mobilidade de profissionais da cultura e dos artistas (APEX changes – 1994)⁽¹⁴⁾.

A Fondation européenne de la Culture, em colaboração com a ECUMEST Association (1998 – Bucareste), deu forte alor ao programa Policies for Culture. Procurava-se, assim, incentivar os encontros entre parlamentares, funcionários, autoridades locais, organizações internacionais do Oeste/Este europeus. A esta luz, na Bulgária e na Roménia tiveram lugar ateliers que propiciaram o desenvolvimento local de algumas cidades (Plovdiv e Timis).

Em 2000, a Fondation européenne de la Culture redefiniu as suas prioridades. Neste sentido, cria um novo projeto em 2003 – Enlargement of Minds. Organizaram-se três seminários: em Amesterdão (junho de 2003), em Cracóvia (outubro de 2003), em Toledo (novembro de 2003). Sublinho que no encontro de Cracóvia se discutiu e analisou a cooperação artística, cultural e intelectual entre os novos membros e os países vizinhos – Rússia, Moldávia, Ucrânia, e outros. Mas promoveram-se iniciativas culturais conjuntas entre a Albânia, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Macedónia, Moldávia, Roménia, Rússia, Sérvia, Montenegro/

(14) Cf. Anne-Marie Autissier, ob. cit., p. 101-114.

Kosovo, Ucrânia. A importância dos media nesta conjuntura foi decisiva. Criou-se mesmo o New European Deal⁽¹⁵⁾.

Como organização não governamental, a Fondation demonstrou uma notória capacidade de adaptação, salvaguardando os valores essenciais que a norteavam. O multilinguismo foi sempre respeitado e a diversidade caracterizava os seus programas. Ela mantinha uma estreita colaboração com as instituições comunitárias europeias, mas igualmente com instituições nacionais e regionais, celebrando parcerias e acordos. Comprova-se, desta forma, o seu papel fundamental no domínio cultural, mas também político e estratégico.

Centros culturais – que missão?

Num estudo sobre a cooperação cultural na Europa, realizado em 2003 pela Comissão Europeia (FEAP – e Interats), pode ler-se: «Les États ont un rôle à jouer pour combler l'énorme décalage existant en Europe, entre les agendas culturels nationaux et la création d'un espace culturel européen»⁽¹⁶⁾.

Neste sentido, há numerosos centros e institutos que desenvolveram um papel particularmente importante. Uma referência especial a instituições que nos países da Europa Central e Este tiveram uma atividade assinalável é, de todo, pertinente. Entre outras, o Instituto Francês de Budapeste e o de Varsóvia. O Grupo de Visegrád deu particular importância aos festivais na Hungria, República Checa, Eslováquia, a partir dos anos 1990. Como ainda a Iniciative centre-européenne, que imprimiu uma notável atividade cultural a partir de 1989 na Áustria, Itália, Hungria, Sérvia/Montenegro. Registe-se que a Quadrilaterale produziu atividades importantes na Eslováquia, Hungria, Itália e Croácia (1996), como, do mesmo modo, a Initiative adriatique-ionienne (Itália, Albânia, Bósnia-Herzegovina, Croácia, Grécia e Eslovénia).

A Organisation internationale de la Francophonie (1970), com a participação da Roménia, Albânia e Bulgária e, como observadores, da

(15) Analisámos o tema na conferência proferida no âmbito da Jean Monnet International Round Table, realizada na Universidade de Oradea, em junho de 2017, com o título *Les itinéraires culturels européens transfrontaliers*.

(16) Veja-se Pamela Sticht, *Culture européenne ou Europe des cultures? Les enjeux actuels de la politique culturelle en Europe*, Paris, L'Harmattan, 2001, p. 83-89.

República Checa, Letónia, Lituânia, Polónia e Eslováquia, cumpriu um programa relevante durante os anos 1990⁽¹⁷⁾.

Em conclusão, a partir dos anos 80/90 multiplicaram-se as redes culturais europeias, nascidas de uma dupla necessidade: renovar as formas de cooperação e fomentar as redes no contexto cultural europeu através de itinerários transnacionais e transfronteiriços⁽¹⁸⁾. A esta luz, poder-se-ia fazer progredir e consolidar um projeto cultural de cooperação e de integração e incentivar a consciência do cidadão europeu e a reflexão sobre o património cultural comum⁽¹⁹⁾.

Bibliografia Final

- Autissier, Anne-Marie (2005). *L'Europe de la culture. Histoires et enjeux*. Paris: Babel. Maisons des cultures du monde.
- Brossat, Caroline (1999). *La culture européenne: définitions et enjeux*. Bruxelles: Bruylant.
- Burban, Jean-Louis (1985). *Le Conseil de l'Europe*. Paris: PUF.
- Conseil de l'Europe, *La culture au coeur. Contribution à la réflexion sur la culture et le développement en Europe*, Strasbourg, Conseil de l'Europe, 1997.
- Djian, Jean-Michel (2005). *Politique culturelle: la fin d'un mythe*. Paris: Gallimard.
- Lalumière, Catherine (1990). «Le role possible du Conseil de l'Europe dans l'Europe nouvelle», *Cadmos*, 51, 9-17.
- Hersant, Yves (1999). «Synthèse des travaux», in *Culture nationale et conscience européenne*, Paris, L'Harmattan, p. 193.
- Manuel du Conseil de l'Europe* (1970). Paris: Pedone, p. 267.
- Ribeiro, Maria Manuela Tavares (2017). «National and European Cultural Institutions – Dialogue and the Idea of Interculturality», in Dana

(17) Jean-Pierre Warnier, *La mondialisation de la culture*, Paris, Éditions de la Découverte, 1999, p. 9-10.

(18) Leia-se Judith Staines, *Les Réseaux: un avenir pour la coopération culturelle en Europe*, FEAP/EPAH, Bruxelles, 1996 e Geneviève Vinsonneau, *L'identité culturelle*, Paris, Armand Colin, 2002, passim.

(19) Michel Thomas-Penette, *Les itinéraires culturels*, s.l., Centre européen de la culture, Actes Sud, 1992.

- Pantea, Ioan Horga e Mircea Brie (dir.), *The image of the Other in the European Intercultural Dialogue*. Saarbruken, Germany: Lambert Academic Publishing, 15-23.
- Rigaud, Jacques (1999). «L'Europe culturelle», in *Culture nationale et conscience européenne*. Paris: L'Harmattan.
- Staines, Judith (1996). *Les Réseaux: un avenir pour la coopération culturelle en Europe*. Bruxelles: FEAP/EPAH.
- Sticht, Pamela (2001). *Culture européenne ou Europe des cultures? Les enjeux actuels de la politique culturelle en Europe*. Paris: L'Harmattan, 83-89.
- Thomas-Penette, Michel (1992). *Les itinéraires culturels*. S.l.: Centre européen de la culture, Actes Sud.
- Vinsonneau, Geneviève (2002). *L'identité culturelle*. Paris: Armand Colin.
- Wallon, Emmanuel (1992). *A continent ouvert. Les politiques culturelles en Europe Centrale et Orientale*. Paris: La Documentation française.
- Warnier, Jean-Pierre (1999). *La mondialisation de la culture*. Paris: Éditions de la Découverte, 9-10.
- Weber, Raymond (1992). «La coopération culturelle européenne. Enjeux et perspectives», *Cadmos. Nouvelle revue européenne*, 58-59, 63-88.